



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p639>

**NOVOS PROBLEMAS,  
OUTRAS NARRATIVAS**

**NEW PROBLEMS, NEW  
NARRATIVES**

**NUEVOS PROBLEMAS, NUEVAS  
NARRATIVAS**

**José Lauro Martins<sup>1</sup>  
Bento Duarte da Silva<sup>2</sup>  
Valdirene Cássia da Silva<sup>3, 4</sup>**

**Entrevista realizada pelos autores com o Dr. Pedro Demo, professor titular aposentado da Universidade de Brasília (UnB). Autor renomado da área de Sociologia discute a educação contemporânea.**

Recebido em: 26.04.2017. Aceito em: 23.05.2017. Publicado em: 01.07.2017

<sup>1</sup> Filósofo e doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Minho - Portugal. Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: [jlauro@mail.uft.edu.br](mailto:jlauro@mail.uft.edu.br).

<sup>2</sup> Professor Catedrático no Instituto de Educação da Universidade do Minho. Braga, Portugal. Licenciado em Ensino de História e Ciências Sociais e Doutor em Ciências da Educação – Tecnologia Educativa pela Universidade do Minho. E-mail: [bento@ie.uminho.pt](mailto:bento@ie.uminho.pt).

<sup>3</sup> Doutora e Mestre em Educação (UFBA). Professora do CEULP/ULBRA. Professora da FACTO. Vinculada a UNEST e a FESAR. Membro do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Saúde, da Universidade Federal do Tocantins-Brasil. E-mail: [valdirene.silva0@gmail.com](mailto:valdirene.silva0@gmail.com).

<sup>4</sup> Universidade Federal do Tocantins; Curso de Jornalismo; Bloco bala II - sala 20; Campus de Palmas; Quadra 109 Norte, Avenida NS-15, ALCNO-14 Plano Diretor Norte | 77001-090 | Palmas/TO.

*Pesquisa não é prática universitária, ainda, porque nos bastamos com aula. Muitos ainda acreditam que pesquisa só aparece a partir do mestrado. Por isso mesmo, somente instituições que possuem pelo menos mestrado se atrevem a ou devem pesquisar, ou, dito de outra maneira, apenas quem é pelo menos mestre pode pesquisar. Na universidade, a prática comum é dar e escutar aula, tudo no mais tranqüilo instrucionismo (DEMO, 2000)*

Pedro Demo possui graduação em Filosofia - Bom Jesus (1963) e doutorado em Sociologia - Universität Des Saarlandes/Alemanha (1971). Professor titular aposentado da Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia. Professor Emérito. Fez pós-doutorado na UCLA/Los Angeles (1999-2000). Tem experiência na área de Política Social, com ênfase em Sociologia da



Educação e Pobreza Política. Trabalha com Metodologia Científica, no contexto da Teoria Crítica e Pesquisa Qualitativa. Pesquisa principalmente a questão da aprendizagem nas escolas públicas, por conta dos desafios da cidadania popular. Publicou mais de 90 livros. (Texto publicado em seu Currículo Lattes).

### **Problemas da educação brasileira contemporânea**

Convidamos o professor Pedro Demo para a entrevista realizada por e-mail. Foram apenas sete perguntas respondidas com a objetividade e a clareza de quem conhece a nossa educação e a universidade brasileira como ninguém. Consideramos o dr. Pedro Demo um dos principais críticos da educação brasileira contemporânea pela sua posição clara e corajosa em que confronta as práticas educacionais com as teorias pedagógicas e sociais. Não é um crítico qualquer, trata-se de um crítico que compreende a nossa sociedade e percebe as transformações.

**Editores: A escola que nós conhecemos resiste aos métodos tradicionais. O que fazer para que a escola tenha sentido para os jovens em tempos de redes sociais?**

**Pedro Demo:** Os dados do Ideb indicam uma escola totalmente decadente – por exemplo, no Maranhão 1.5% dos estudantes aprendeu matemática no ensino médio; a melhor cifra foi no DF, com 12.8%, uma miséria total (em 1995, foi de 31.15% - como caiu assim?).

O uso das redes sociais não ficaria restrito a comunicações desenfreadas, mas precisamos direcionar para a construção da autoria dos estudantes (pesquisa). O uso das tecnologias digitais deve ser natural, porque é parte natural da vida dos jovens. Resultando em autoria (individual/coletiva), tudo é válido.

**Editores:** **Nossa escola (tradicional) foi organizada entorno da gestão do ensino. Mas se colocarmos o aprendente e a aprendizagem no centro poderia melhorar a educação? Se sim, em tese, o que precisa mudar.**

**Pedro Demo:** Gestão da aprendizagem é a direção certa, com comunidade de aprendizagem. Quando os estudantes se sentem protagonistas, respeitados, envolvidos, pesquisando e produzindo autoralmente, facilmente ocorre um ganho enorme na aprendizagem deles. Mas precisam descobrir o desafio de pesquisar, elaborar, estudar, ler etc.

Podemos usar técnicas de problematização ou projeto, de temas interdisciplinares amplos que duram semanas para serem realizados, com produções intermediárias bem acompanhadas.

**Editores:** **Há uma crise de resistência das escolas e dos educadores, até mesmo da sociedade para assumir as transformações da sociedade contemporânea também na educação?**

**Pedro Demo:** Educação resiste em todo mundo, mas talvez um pouco mais aqui. Estamos indo para os últimos lugares na América do Sul. No PISA, só vexame. Mas outros países fazem mudanças contundentes (Singapura, tem os primeiros lugares no PISA 2015), sem falar na Finlândia. No longo prazo, a educação vai curvar-se, porque não tem como ficar fora das mudanças – viraria irrelevante. Entre as habilidades mais requisitadas está a capacidade de produção científica própria (estudante deve ser autor, cientista, pesquisador).

**Editores:** **Professor, todo processo de aprendizagem requer diversas formas de interação e atuação entre os indivíduos. Como o senhor percebe**

**os discursos sobre as “metodologias ativas” que vem sendo propagados com uma inovação metodológica?**

**Pedro Demo:** “Metodologias ativas” são um eufemismo para manter a aula. Ao invés de sair da aula, procura-se “ativar” a aula. É uma estratégia de “ensino”, não de aprendizagem.

**Editores:** **Frente à desmotivação dos sujeitos aprendentes nos processos de aprendizagem, o senhor considera que uma nova resistência juvenil vem se desenhando?**

**Pedro Demo:** Poderia ser, como na ocupação das escolas de S. Paulo (mas não ficou claro que os estudantes teriam uma proposta de aprendizagem visível). Quando se trata de videogames sérios, não existe “desmotivação”- pode acontecer o reverso: envolvimento excessivo, viciamento... Os jovens querem os games mais duros, desesperadores, porque gostam de desafio. Provavelmente não se motivam com esta escola – com inteira razão – mas motivam-se com seu protagonismo até com certa facilidade.

**Editores:** **O senhor defende uma educação fundada na pesquisa. Pode discorrer um pouco sobre esse desafio da superação do aulismo na graduação.**

**Pedro Demo:** Pesquisa indica a autoria do estudante, porque aprender exige autoria (é processo de autoria). Aprender não está na aula, pois é fator externo. Aprender ocorre na mente do estudante, se ler, estudar, elaborar, pesquisar... Atividades ditas “autopoiéticas”. Função docente é arquitetar ambiente

motivador na escola, para que o estudante chegue a gostar de aprender. Parece desafio inatingível em certos ambientes, mas se o estudante for tratado devidamente como centro da escola, realmente cuidado pelos professores, receber desafios à altura, for acompanhado também com devido carinho, pode ocorrer que goste de estudar... Pesquisa tem esta expectativa, porque é metodologia de aprendizagem, não de ensino.

**Editores: A sua publicação (Outra Universidade) provocou um desconforto nos defensores da universidade tradicional. Afinal, a seu ver como deve ser a OUTRA UNIVERSIDADE?**

**Pedro Demo:** A universidade é muito hipócrita. Forma mestres e doutores com pesquisa, porque pede deles autoria. Mas forma graduandos só com aula, com uma hipocrisia a mais porque as aulas são dadas por quem não se formou via aula! A mediocridade lancinante de nossos licenciados provém desta esquizofrenia: como não aprenderam, resta ensinar! Matemática está em extinção no ensino médio. Temos a solução bem debaixo do nariz – levar o espírito do doutorado para a graduação. Em muitos países, quer-se educação científica já no pré-escolar, no espírito do doutorado. Impreterivelmente, a universidade precisa formar autores, cientistas, pesquisadores.